

A ciência é como aquêle eterno Judeu Errante da fábula, cujo destino é caminhar, caminhar ininterruptamente, sem descanso nem repouso. A estrada que palmilha, apesar de ericada de dificuldades, não tem marcos nem barreiras, que lhe consigam deter o passo. Os panoramas, às suas margens, se desdobram infinitos numa multiplicidade estonteante de côres e aspectos, que deslumbram os cérebros mais otimistas.

Cada dia que passa, alarga ela o círculo dos conhecimentos humanos, de maneira que é impossível, hoje como ontem, prever até onde irão as suas conquistas.

Já vai longe a época em que a filosofia se orgulhava de ser a sùmula do saber humano. Pertencem também ao passado enciclopédias, como a quella Ars generalis sive magna, de Raimundo Lula, em que um só homem, e rudito e sábio, se arrojava a falar de omni re scibili, de tudo que pudesse ser objeto do nosso conhecimento.

As enciclopédias atuais, por completas que sejam, não chegam nunca a esgotar o assunto, tão variado e múltiplo é o objeto formal das ciências, e será difícil, para não dizer impossível, que alguém se aventure hoje a compô-las, seja êle mais sábio do que Pitágoras ou Aristóteles. É que a especialização, uma das consequências do progresso moderno, desenvolve e amplifica, ao infinito quase, o quadro das ciências. Penetrando a fundo a natureza dos seres e das coisas, multiplica o homem o âmbito de suas pesquisas e experiências, e, encarando aspectos particulares ou novos modos de existir, que surpreende, toma-os como novos campos, abertos aos seus estudos, com o que constitui, ciências inteiramente novas, desde as suas bases.

Na sua ânsia de mais amplos horizontes, não há domínio que escape à sua indagação. É assim que devassa o segrêdo milenar do oceano, penetra as camadas mais íntimas da terra, perlustra a imensidão dos ares, por tôda a parte, estabelecendo o seu império, que é ilimitado, como ilimitado é o poder da inteligência criadora, que Deus lhe deu. Qualquer das invenções modernas - o submarino, o avião, o rádio, a televisão -, em que a geração coeva nem mais atenta, na sua sofreguidão de novidades, deixaria estarrecidos e atônitos os nossos antepassados, se lhes fôsse permitido, por um momento, o retôrno ao mundo atual. Que dizer, então, da bomba atômica?

Há um velho princípio, consagrado pela ciência, de que a natureza não dá saltos - Natura non facit saltus. Mas, quando a humanidade realiza uma grande conquista, no terreno das invenções, outras logo se lhe seguem, e a impressão que fica, é a de que o Padre Eterno não mais controla as leis naturais, que já não pode impedir as cabriolas dêsse doídivanas, chamado mundo, tantos séculos de progresso consegue ela avançar, às vezes, em alguns segundos.

O que parece consequência de um curto lapso de tempo, entretanto, forçoso é reconhecer, permanecera em estado latente, durante décadas ou séculos inteiros, no cérebro humano ou no inesgotável laboratório da natureza. Para tal ^{descoberta} conquista, foi mister que as condições mudassem, que se aperfeiçoassem os instrumentos de pesquisa, que as técnicas progredissem, que adquirisse o homem um melhor controle das suas experiências, numa palavra, que melhorassem os seus conhecimentos.

Assim, o que se nos afigura um milagre momentâneo da ciência, na da mais é do que o resultado dos recursos que o progresso, alcançando - dia a dia, vagarosa e lentamente, põe ao alcance de sua mão.

Foi Aristóteles, se não me engano, quem afirmou existir, em nosso espírito, uma sede insaciável de conhecimentos: Omnes homines scire desiderant. Essa ânsia incontida do saber, êsse desejo insopitável de aprofundar o mistério da criação, é reconhecido por Santo Tomás de Aquino como uma qualidade inata dos filhos de Adão. Naturaliter inest omnibus hominibus desiderium cognoscendi causas eorum quae videntur. É natural ao homem o desejo de conhecer as causas das coisas que vê.

Não se contenta êle apenas com a aparência exterior, com a observação perfunctória dos fenômenos que lhe ferem os sentidos. A sua inteligência exige mais. Obriga-o a aprofundar-lhes as causas ou origens. E é justamente nisso que reside a diferença entre êle e os outros animais, que se satisfazem apenas com o simples testemunho dos órgãos sensoriais.

Sem que o saiba, cada criatura humana, assim que atinge a idade da reflexão, leva consigo o espírito de um filósofo em miniatura. Por isso, disse, com razão, Vítor Cousin que a filosofia apareceu na face da terra no dia em que um homem começou a refletir. Le jour où un homme a réfléchi, ce jour-là la philosophie a commencé.

Mas a reflexão, por si só, desajudada de outros fatores, pode conduzir-nos a juízos falhos ou a verdadeiros disparates. Para que tal não aconteça, é forçoso que ela parta sempre de conceitos verdadeiros. De nada vale a argúcia e a subtileza de um Duns Scoto, se o princípio em que se apoia, tem a consistência dos castelos construídos sôbre a areia. Os juízos verdadeiros, entretanto, nem sempre decorrem da evidência dos fatos, há-os também que devemos exclusivamente ao progresso das ciências. É necessário, portanto, que o homem encontre, em seu caminho, os meios adequados à aquisição dessa verdade, para satisfazer a um dos imperativos - mais fortes de sua natureza.

Quais são êsses meios? A resposta está em tôdas as bôcas: abrir escolas, escolas secundárias, como base e preparação para as de nível superior.

A educação primária já não basta às solicitações da vida brasileira, principalmente nos grandes centros de aglomeração humana. Esta requer uma melhor preparação para a vida. Sem o conhecimento de matemática, que lhe permita fazer cálculos de juros, descontos, câmbio, etc., ou os rudimentos de linguas estrangeiras, como o inglês e o francês, triste figura fará hoje o comerciário, cuja aspiração não se confine aos estreitos limites da casa comercial, onde trabalha. Sem as indispensáveis noções de Matemática, Física, Química, Desenho, etc., pouco, muito pouco, conseguirão aquêles cujo pensamento se volta para a alta indústria do país. Releva aqui repetir o que disse o grande educador Heitor Lira da Silva na Memória que escreveu para o Congresso do centenário: "o ensino primário de letras é insuficiente como base para a educação popular e não resolveria nunca o problema econômico que é para o Brasil o aumento e melhoramento de sua produção industrial".

A própria admissão no quadro do funcionalismo público, que constitui o ideal de alguns, só poderá ser processada, através de concurso, onde se exige o conhecimento de matérias do curso secundário. Sem o estudo de humanidades, não é possível mais hoje, a quem quer que seja, o ingresso nas carreiras liberais - a medicina, a engenharia, a advocacia, etc., que são o sonho de muitos.

Foi compreendendo a grande necessidade de ampliar a rede de estabelecimentos fluminenses de ensino secundário, que o Coronel Edmundo de Macedo Soares e Silva, espírito clarividente e realizador, não mediu esforços nem sacrifícios, para criar o Ginásio Estadual de Petrópolis e o Cur

Curso Clássico e Científico Noturno, em Campos, com o que duplicou o número de unidades escolares oficiais dêsse nível, até então existentes no Estado do Rio. Mas não ficou aí a sua boa vontade pela solução dos problemas da educação secundária, em nossa terra. Foi além. Comprimindo as verbas de auxílio, destinadas a outros fins, encontrou recursos para subvencionar os Ginásios de Porciúncula e de Friburgo, que estão aparelhados para funcionar ainda êste ano.

A história da criação do Ginásio Estadual de Petrópolis, ao menos nesta sua nova fase, é curta, e pode ser contada em poucas palavras.

Depois que assumi a direção da Secretaria de Educação, procurei-me, uma tarde, o meu velho amigo e distinto colega, Dr. Sílvio Júlio, para comunicar-me que fixara definitivamente a sua residência nesta bela cidade serrana. Foi êsse apenas um pretexto para a visita, porque o assunto de nossa palestra versou todo êle sôbre coisas ligadas à cultura e à educação. E era natural que tal acontecesse, tratando-se de dois professores que trabalharam largos anos juntos, estimulando-se reciprocamente, e que voltavam a avistar-se naquele momento, depois de uma longa separação. A certa altura, interrompendo-me, perguntou-me Sílvio Júlio: Que me diz você da fundação de um Ginásio oficial em Petrópolis? E antes que ^{me}desse tempo a uma resposta, prudente e refletida, discorreu, com essa eloquência que põe sempre nas palavras, sôbre a necessidade imediata da criação, na cidade das hortências, de um estabelecimento de ensino secundário, principalmente para a população pobre, que não tem meios de educar os filhos.

É claro que a idéia me empolgou desde o início, mas consoante o ditado latino - Qui nimium properat, serius absolvit, deixei que ela a madurescesse algum tempo.

Em outros encontros que tivemos, voltamos a falar no caso, êle com o mesmo entusiasmo, a que eu já aderira francamente. Foi então que surgiu a mensagem da Associação Fluminense Estudantil a S. Excia., o Sr. Governador do Estado, encaminhada através da Secretaria de Educação e Cultura, solicitando a criação do Ginásio Estadual de Petrópolis. Já agora não era uma opinião isolada, não era um sonho de dois idealistas, era uma classe que reclamava tal medida ao Poder Público.

De posse da mensagem, levei a S. Excia., na primeira audiência que me concedeu para despacho, a solicitação dos estudantes fluminenses. Não

foi necessária uma palavra sequer minha, em defesa de sua pretensão, por que S.Excia., tão prontamente anuiu, que me ficou a impressão de que a quilo era assunto já resolvido. Não só aplaudiu, sem reservas, a idéia, mas ainda determinou-me que, no orçamento do corrente ano, consignasse verba própria para a instalação do novo estabelecimento. Ao Coronel Edmundo de Macedo Soares e Silva, portanto, tôdas as homenagens da hora presente, pelo seu alto espírito de compreensão das necessidades mais urgentes do povo fluminense e pelo esforço que vem empregando no sentido de remediá-las com os fracos recursos de que dispõe o erário estadual.

As dificuldades de instalação foram superadas, graças à colaboração e boa vontade, encontrada em tôda a parte. Ficou, desde logo, assente que, enquanto não houvesse um prédio próprio, onde ficasse definitivamente instalado, deveria o Ginásio funcionar em dependências do Grupo Escolar D. Pedro II.

Um dos primeiros cuidados de S.Excia., o Sr. Governador, e meu, foi dar-lhe um diretor capaz, o que ^{encontramos} ~~cumprimos~~ na pessoa do Dr. José Sampaio, conceituado clínico e grande educador, com reais serviços prestados nos dois setores da vida desta cidade. Não menor atenção tivemos com o corpo docente, escolhido que foi, com ~~tudo o~~ rigor, entre os elementos ~~mais~~ representativos da cultura e do magistério petropolitano. É certo que alguns outros aqui mereceriam estar, ilustrando, com o fulgor do seu talento, as cátedras do Ginásio. É preciso que se tenha em conta que estamos realizando uma grande obra, mas que está ainda em comêço, e que, por conseguinte, não foi possível aproveitar a todos.

Esperamos, confiantes, que a nossa escolha, feita com o único objetivo de premiar a competência, encontre a mais ampla confirmação nas provas públicas, que pretendemos realizar no próximo ano. Podem os pessimistas alegar o que quiserem contra os concursos; ao menos, entre nós em que tudo serve de motivo para pedidos, é êle ainda o mais seguro meio de selecionar os valores.

É pensamento de S.Excia., o Sr. Governador Edmundo de Macedo Soares e Silva, construir um amplo prédio, dotado de todos os requisitos estéticos e pedagógicos, para nêle instalar definitivamente o Ginásio, que poderá assim abrigar um grande número de colegas. Convicto de que as dificuldades só são grandes quando pequena e periclitante é a nossa vontade, S.Excia. levará certamente por diante o seu pensamento, já sendo objeto de suas cogitações, no momento, a aquisição da área de terreno para isso necessária.

Antes de pingar ^{no} ponto final nesta exposição que fazemos, à guisa de oração inaugural, cabe-nos agradecer, em nome do Govêrno, a todos que colaboraram direta ou indiretamente, na concretização dêste velho ideal do povo petropolitano.

Assim, agradecemos a Suas Excias., o Sr. Ministro da Educação e Saúde, Dr. Clemente Mariani, e ao Sr. Diretor do Departamento do Ensino Secundário, Dr. Haroldo Lisboa da Cunha, pela boa vontade sempre manifestada, através das facilidades que nos proporcionaram, para que o Ginásio funcionasse êste ano. Grande é o número dos que nos ajudaram neste empreendimento, cujos nomes só não citamos com receio de alguma omissão. Justo é também que, nesta hora de regozijo, se ressalte a boa vontade do legislativo fluminense, em votar o projeto, tal como lhe foi enviado, em mensagem, pelo Poder Executivo.

Uma referência especial merece, entretanto, o Sr. Pedro Paulo Faria da Rocha, Secretário do Instituto de Educação do Estado, a quem confiamos a tarefa ingente da instalação do novo Ginásio. Prorrogando o expediente até altas horas da noite, suprimdo com o seu esforço pessoal a falta de funcionários, deu o que de melhor em si havia de dedicação, para que todos, pais e candidatos, daqui saíssem convenientemente informados das exigências legais sôbre exames e matrículas, possibilitando assim que tudo se processasse dentro dos prazos, estabelecidos pelas leis federais, sem que se tornassem necessárias concessões ou regalias especiais. E o resultado aí está. A êle, por conseguinte, o reconhecimento da Secretaria de Educação e Cultura.

O primeiro passo está, pois, dado, com a inauguração que ora fazemos, do Ginásio Estadual de Petrópolis. O Antigo Liceu Fluminense, que os maus fados daqui tiraram, terá no atual estabelecimento de ensino secundário, um continuador das suas gloriosas tradições.

Resta agora ao povo desta encantadora e próspera cidade, a quem o entregamos, manifestar por êle as suas preferências, encaminhando-lhe os filhos, afim de que êle possa expandir e transformar-se, dentro em pouco, naquilo que todos desejamos que êle seja - um estabelecimento de ensino à altura das necessidades culturais de Petrópolis e um justo motivo de orgulho para todo o Estado do Rio.